

ORIXÁS, ENTIDADES E AS LEIS HUMANAS

LOPES, Rodrigo.¹

GLOBALIZAÇÃO, RELAÇÕES POLÍTICAS E TRABALHADORES: CONJECTURAS E PROCESSO HISTÓRICO

RESUMO

O presente artigo aborda a relação estabelecida entre o poder público de Uberlândia para com os praticantes da religiosidade de culto aos orixás. Para essa abordagem, o texto apresenta o processo histórico que se estabeleceu na e pela cidade ao longo do século XX, mostrando diferentes desdobramentos da disputa e da tensão que existem entre os trabalhadores que praticam sua fé diante de um poder público e de uma cidade que nega em ter a umbanda como uma religião pertencente a cidade.

Começamos esse texto com um relato,

O nosso prefeito é muito ecumênico, (...) ele vai no terreiro tomar banho, na sexta feira da paixão fechar seu corpo, ele é uma pessoa de muito, de fé... então na posse dele, não tinha nenhum pai e nenhuma mãe de santo, e ele é cercado de misticismo. Toma seus banhos toda semana, se cuida, aí você vê que tem seus preconceitos, tem um pastor, tem um padre, mas não tem nenhum pai e nenhuma mãe de santo. Enquanto a preparação, a campanha política, ele senta na cadeira do preto velho, ele bebe o café, ele come a farofa...²

Há algumas tensões colocadas na fala do líder religioso que precisam ser consideradas. A prática do prefeito da cidade desperta, em uma leitura despreziosa, uma interpretação que remeteria a atitude dele como preconceituosa ou mesmo contraditória. Essa dupla identidade, em que ora o administrador político de Uberlândia está em pleno exercício da religiosidade candomblecista, ora estaria silenciando a presença desses grupos e da própria relação diante de um público, no entanto, revela um processo muito anterior às sextas-feiras das paixões.

A entrevista, realizada dentro do espaço de culto aos orixás, foi realizada com o próprio líder do local³. Durante conversa, o Pai de Santo levantou outros indícios sobre a intrínseca relação entre o poder público, sobretudo a Prefeitura Municipal de Uberlândia, com os espaços de religiosidade praticantes do culto aos orixás. Pai Sérgio, como é chamado, descreve-se como integrante de destaque entre aqueles que praticam o culto, tendo relações diretas com políticos e pessoas públicas da cidade. Mesmo assim, há um silêncio enquanto sobre a existência dessa religiosidade em Uberlândia. Como será visto mais adiante, quando há barulho, chama-se a polícia.

¹ Universidade Federal de Uberlândia. Doutorando em História Social pelo Programa de Pós Graduação do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Email: lopesrb@yahoo.com

² Entrevista concedida em setembro de 2009 pelo Paulo Sérgio Rodrigues, “Pai Sérgio”, aos entrevistadores Dr. Paulo Roberto de Almeida e Ms. Rodrigo Lopes.

³ A partir desse trecho, para denominar o cargo de líder será utilizado o termo “Pai” ou “Mãe”, titulação utilizada pelos praticantes do culto afro.

Assim como o Paulo Sérgio reclama desse “silêncio”, outros praticantes também apontam essas questões. Irene Rosa, “Mãe Ireninha”, reconhecida como fundadora da Tenda Coração de Jesus, a primeira casa de umbanda em Uberlândia, tem sua história relatada nesse texto pela sua neta, a “Mãe Irene”. Ela tornou-se ao longo de sua vida, entre as décadas de 1940 a 1970, uma agente atuante no meio político, conseguindo estabelecer importantes diálogos com outros grupos, sobretudo aqueles ligados ao Poder Público, além de ser responsável por articulações entre os integrantes do culto.

Esses arranjos políticos, acordos e desacordos, estabelecidos por “Mãe Ireninha” e repetidos por outros participantes marcam a história do culto aos orixás em Uberlândia. Se, por um lado, o acordo e a convivência diante das proibições e discriminações impostas pela administração da cidade podem demonstrar fraqueza ou subserviência, por outro, as muitas conquistas que os praticantes do culto estabeleceram durante décadas com o Poder Público revelam uma prática engenhosa de sobrevivência, permitindo que hoje seja contabilizado mais de 250 terreiros de culto aos orixás, que ocupam todas as regiões da cidade.⁴

Mesmo com a presença significativa e ainda estando em todas as regiões da cidade, é necessário retomar a fala de Paulo Sérgio e de outros líderes: o cultuar de orixás em Uberlândia sofre, primeiro, a condição de serem submetidos à invisibilidade. As fachadas de todos os terreiros pouco falam sobre o que acontece lá dentro. Muitos ainda conservam os nomes que remetem ao catolicismo, como o terreiro “Sagrado Coração de Jesus”. Certamente, alguém desavisado poderia passar sem imaginar que esse terreiro citado se trata do primeiro espaço de culto as entidades em Uberlândia, organizado pela Irena Rosa.

Embora haja a tensão que impõe a condição de invisibilidade, os praticantes dessa prática cultural buscam se colocar na e pela cidade,

A Irene Rosa, é... uma das formas para ela acabar com o preconceito na época, ou pelo menos mostrar um pouco do culto afro, foi através da política, que ela era uma pessoa política, (...), ela gostava muito, e as amizades dentro da política, juntamente com **nosso** prefeito na época, Dr. Virgílio Galassi, ela fez a primeira festa de Iemanjá. Com isso, ela levou o negro para a rua, vestido com a roupa do santo, e nós fomos em procissão da praça Tubal Vilela até o rio Uberabinha, e lá nós cantamos. Ela até colocou o Dr. Virgílio dentro da água, deu um banho nele, um descarrego, e foi muito bom.⁵

Certamente, realizou-se uma pesquisa no arquivo público em busca de alguma reportagem que indicasse a existência desse banho no “prefeito do século”⁶. No entanto, em todo o período da década de 1970, quando a procissão fora realizada, os principais meios de comunicação impresso da cidade relatam apenas o intenso desenvolvimento

⁴ Essa quantidade de terreiros impressiona em dois sentidos. O primeiro, pela comparação. Ao contar a quantidade de paróquias em Uberlândia, tem-se 45 ao total (Arquidiocese de Uberlândia). Esse número de paróquias ainda incluiria cidades da região, que são atendidas pela Diocese uberlandense. Os evangélicos somam uma quantidade mais expressiva e, segundo dados do CONPAS (Conselho de Pastores de Uberlândia), o número é de aproximadamente 400 templos. O número de centros kardecistas, segundo dados da AME (Aliança Municipal Espírita de Uberlândia), somam a quantidade de 92 casas.

⁵ Entrevista de Mãe Irene ao documentário “Nas Minas dos Tecebás Dançantes”. Jeremias Brasileiro. TV Cidadania de Uberlândia – Canal 07. Arquivo Jeremias Brasileiro. **(grifos do autor)**

⁶ O título de Prefeito do Século XX foi concedido pela Câmara de Vereadores de Uberlândia ao prefeito Virgílio Galassi. “Decreto Legislativo Nº 212/00 (Virgílio Galassi) - Declara Prefeito Do Século O Atual Prefeito Virgílio Galassi”.

urbano e social que a cidade vivenciava. Sobre o episódio, há apenas a memória dos que ali estavam. De resto, apenas silêncio.

Há um segundo ponto que precisa ser destacado: os documentos emitidos durante o século XX pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, que foram promovidos em consonância com a imprensa da cidade, sobretudo o *Jornal Correio*. Ao longo desse período, a prefeitura emitiu vários códigos de posturas e, ao fim, uma cartilha, denominada como “Educação Ambiental e a Prática das Religiões de Matriz Africana”. Ao todo, foram listados quatro Códigos e Estatutos, que fazem referência direta ou indireta à prática do culto aos orixás, com a clara intenção de submeter o culto a regras e leis humanas.

Para além dos documentos, a prefeitura criou ainda na década de 1990 a COAFRO (Coordenadoria Municipal Afro-Racial), atualmente chamada DIAFRO (Diretoria da Divisão Afro-Racial). Essa repartição está presente na prefeitura desde a década de 1990 e, desde então, faz um esforço em sintetizar o culto a festividades e congressos, realizados com relativa periodicidade. Tais festividades são apresentadas apenas com a formação de um momento, em que os *indivíduos* repetem músicas, culinária e os passos sincronizados e, aparentemente, ensaiados a exaustão. De maneira mecânica, todo o significado da festa é resumido em um único momento, exposto dessa forma como uma relíquia sagrada⁷, e que deve ser preservada como um folclore precioso para o “movimento negro”.

Ontem, na lagoa do Parque do Sabiá, cerca de 150 pessoas, membros de várias religiões afro, que preservam as tradições religiosas trazidas pelos povos africanos, ainda no período colonial, fizeram uma homenagem a Iemanjá. Eles ofertaram flores e perfumes à entidade feminina mais respeitada no Candomblé. Participaram do ato diversos terreiros de Uberlândia seguidores de Umbanda e das quatro nações de candomblé (Ketu, Jeje, Angola e Tradição).⁸

Num salto histórico assustador, o *Jornal Correio* revela a chegada de 150 pessoas diretamente de um lugar distante, de um tempo ancestral. Novamente, há o silêncio em informar que esses 150 indivíduos são sujeitos que se constituem ativamente na e pela cidade. Para o *Jornal Correio* e DIAFRO, a festa se resume apenas num mecanismo de recuperar a “tradição trazida pelos povos africanos”. Para eles, permanece ainda um mistério (ou silêncio) as práticas culturais desenvolvidas pelos sujeitos que cultuam os orixás ao longo de décadas em Uberlândia.

Ao retomar aos documentos oficiais, há ainda os registros de como a Prefeitura estabeleceu uma relação com os religiosos e aos negros. Pouco se distinguiu durante esse período a religiosidade do culto aos orixás dos negros, sendo comum a adoção – da imprensa e de atas públicas – uma clara associação entre as ordens de restrição e o preconceito racial que existe no interior da sociedade uberlandense.

O Código de Posturas de 1898, o primeiro a ser escrito, quando a cidade ainda atendia pelo nome de São Pedro de Uberabinha, já revela algumas destas restrições:

Título IV

Polícia e segurança pública

⁷ O termo “relíquia” é citado por E. P. Thompson, em sua obra “Folclore, Antropologia e História Social” (1977).

⁸ ENCONTRO das religiões faz homenagem a Iemanjá. *Jornal Correio*, 23 de setembro de 2002.

Capítulo 1

Artigo 98 – são considerados lícitos os jogos de calculo e verdadeiramente carteados, como: voltarete, Boston, solo, manilha, xadrez, dominó, gamão, damas; e os de exercício physico, como: bilhar, bagatella e semelhantes.

Art. 99 – são considerados jogos illicitos: o lasquinet, a estrada de ferro, o trinta e um, vinte e um a roleta, primeira pacau, **búzio**, pinta, vermelhinha e outros reconhecidamente como taes.

Único – As pessoas que derem esses jogos, em qualquer parte deste município, são passiva da multa de 100\$ e de 50\$ cada um dos jogadores, além das penas do Código Pessoal.

(...)

Art. 117 – são prohibidos os sambas, batuques, cateretês e outras dansas sapateadas e tumultuosas, dentro das povoações, sem o pagamento do respectivo imposto e licença da polícia, multa de 10\$ ao dono do divertimento e dispersão do ajuntamento.⁹

Na década de 1950, outro Código de Postura ainda não formaliza as restrições aos grupos que praticam o culto aos orixás, mantendo uma linguagem muito semelhante àquele escrito no século XIX.

Art. 74 – É expressamente proibido, sob pena de multa:

(...)

II – promover batuques, congados e outros divertimentos, congêneres na cidade, vilas e povoados, sem licença das autoridades, não se compreendendo nesta vedação os bailes e reuniões familiares.¹⁰

As proibições de manifestações festivas, que envolvem batuques e *outros divertimentos*, aparecem em vários outros “Códigos de Postura” criados ao longo da história de Uberlândia. Mesmo ao observar diferentes épocas, é importante assinalar como tais códigos expressam um desejo de defender um tipo ideal de ordem e combater os transgressores como “inimigos públicos”, como uma questão de “Segurança Pública”.

Como importante parceira do Poder Público, o Jornal Correio reforça o coro diante das “gangues” que já se faziam presentes na cidade.

Verdadeira “gang” de exploradores (e exploradoras) da ignorância deitou raízes na cidade, notadamente nas vilas e nos subúrbios, onde, por artes de bruxaria, curandeirismo e baixo espiritismo, tem iludindo incautos pessoas de boa fé, burlando com isso as leis e a polícia. Chamamos a atenção das autoridades policiais para a atuação nefasta desses indivíduos sem escrúpulos, cuja atuação chega até mesmo a cobrar com vidas, seu preço. “Quimbanda”, “despacho”, baixo espiritismo, curandeirismo, “buena-dicha” (sic) e outros embustes têm punições nos códigos, a Radiopatrulha está aí. Basta a Regional deter e processar indivíduos dessa natureza.¹¹

⁹ ESTATUTO de Leis. Câmara Municipal de São Pedro de Uberabinha. Estado de Minas Gerais. 1898 – 1903.

¹⁰ CÓDIGO de Posturas Municipais. Lei nº 95/50. Prefeitura Municipal de Uberlândia, 1950.

¹¹ CURANDEIRISMO e bruxaria dominando as vilas. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, p. 3, 28 de outubro de 1958.

Ao observar o Código de Posturas de 1967, percebe-se o acréscimo de um novo título, com a permanência de velhas restrições permanecem.

ART. 61 – É expressamente proibido perturbar o sossego público com ruídos ou sons excessivos, evitáveis, tais como:

(...)

VII – os batuques, congados e outros divertimentos congêneres, sem licença das autoridades;

Capítulo III – DOS LOCAIS DE CULTO

ART. 82. – As Igrejas, os templos e as casas de culto são locais tidos e havidos por sagrados, e por isso, devem ser respeitados, sendo proibido pixar (.sic) suas paredes e muros ou neles pregar cartazes.

Art. 83. – Nas Igrejas, templos ou casas de culto, os locais franqueados ao público deverão ser conservados limpos, iluminados e arejados.

Art. 84. – As igrejas, templos e casas de culto não poderão conter maior número de assinantes a qualquer de seus ofícios do que a lotação comportada por suas instalações.¹²

Nesse mesmo período, órgãos e conselhos espíritas kardecistas tornaram-se mais fortes e presentes no espaço urbano. A formação da “Aliança Municipal Espírita de Uberlândia” teve, no início da década de 1960, um dos momentos em que os kardecistas ampliavam sua participação no arranjo do Poder Público.

Os espíritas kardecistas, ao contrário do grupo que cultua os orixás, sempre contaram com apoio de outros grupos da cidade, como a maçonaria, o Poder Público e a imprensa.

Das instituições beneméritas com que conta o patrimônio social de nossa terra, destaca-se pelas finalidades filantrópicas o Sanatório Espírita, destinado ao tratamento de dementes.

Creado por um grupo de abnegados filantrópicos, em que o sentimento de humanidade cristã à luz meridiana da doutrina espírita se empunha aos seus elevados sentimentos para com o próximo, ergueram esse monumento de piedade que agasalha a todos sem exceção, ricos e pobres igualados ali, quer pelo infortúnio, quer pela assistência absolutamente gratuita conseguida à custa de insanos sacrifícios entre as pessoas de coração bem formado e que em todas as ocasiões estão aptas a compreender seus deveres para com o próximo, facultando de sua abastança e da sua felicidade, um pouco que mitigue a dolosa trajetória de seres humanos que o destino marcou neste mundo de sofrimentos e lágrimas.¹³

A reportagem anterior, que cita as “gangs” de aproveitadores, em nada se compara com o tom utilizado para mostrar os espíritas uberlandenses. Mesmo assim, é inevitável comparar os dois textos. Poder-se-ia justificar que, o grupo espírita uberlandense estava promovendo um sanatório espírita que atendia o “impressionante” número de 17 pacientes por ano (RIBEIRO, 2006). Todavia, se os jornalistas se

¹² CÓDIGO de Posturas MunicíPais. Lei nº 1460/67. Prefeitura Municipal de Uberlândia, 1967.

¹³ SOCORRAMOS o Sanatório Espírita de Uberlândia. **Correio de Uberlândia**. p. 2, 27 jul. 1946.

dedicassem a conhecer melhor as “gangs” do baixo espiritismo, saberia que atender a quantidade de 17 pacientes seria em dias mais tranquilos.¹⁴

Em todos os documentos fornecidos pela Prefeitura, as regras de convivência foi relatada ora como “caso de polícia”¹⁵, ora como uma questão de “indisciplina” ambiental. Em 2006, a então COAFRO desenvolveu o documento que ficou conhecido entre os praticantes como “a Cartilha”, ou “Caderno de Orientações”.

A união da Secretaria Municipal de Cultura, a Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Meio Ambiente (Seção de Educação Ambiental), a COAFRO (Coordenadoria Afro-Racial de Uberlândia) e a Divisão de Memória e Patrimônio Histórico se uniram na elaboração desta cartilha, cujo título é “Educação Ambiental e a Prática das Religiões de Matriz Africana”. O Caderno de Orientações, como também é chamado, descreve como alguns procedimentos devem ser tratados pelos praticantes do culto aos orixás.

Os toques e sessões apresentam-se como uma das maiores fontes de queixas e reclamações da parte de vizinhos, especialmente se esses não são adeptos de nossa religião ou se as cerimônias se realizam em dias de semana e se prolongam além do horário tolerado pela lei da Perturbação do Sossego (mais conhecida como Lei do Silêncio), no nosso município, assegurado pela Lei complementar 017/91, principalmente se são usados instrumentos de percussão (tambores). Nesses casos, devem ser feitas algumas avaliações sobre os tipos de sessões que são realizadas pelas casas religiosas, ou seja, as que usam e as que não usam instrumentos de percussão. As que não usam tambores podem tranquilamente realizar seus cultos sem problemas. As demais devem suspendê-los às 22 horas, procedendo-se ao encerramento sem os atabaques. **Os Orixás e Entidades deverão entender que tal procedimento é fruto da lei humana e que deve ser respeitada.**¹⁶

O “Caderno de Orientações” é fruto de uma trajetória curiosa. Logo na sua página de créditos, apresenta como “base de elaboração” as cartilhas de Porto Alegre e Campinas, respectivamente elaboradas pela Prefeitura de Porto Alegre e pelo Instituto Cultural Baba Toloji e ACADEC de Campinas.

Esse documento, entregue para as principais casas de santo de Uberlândia, foi montado em um material simples, sem cores em seu interior e que resume todo um universo de regras de etiqueta em 18 páginas. Além de textos que explicam superficialmente a execução de alguns trabalhos do culto aos orixás, há ilustrações feitas em traços minimalistas e infantis, que apresentam em sua grande maioria negros sorridentes que, de forma impecável, despacham as oferendas de forma que preservem o meio ambiente.¹⁷

O material ainda conclui todas as “orientações” com o trecho a seguir:

¹⁴ Durante a pesquisa realizada para a Dissertação de Mestrado, apurou-se que as casas de santo (vulgarmente chamadas de terreiros) são também locais em que sujeitos compartilham

¹⁵ Ao observarmos o local em que a prática do culto aos orixás aparece, direta ou indiretamente, nos estatutos e códigos de posturas, nota-se a presença contínua no título “Segurança Pública”. Essa postura diante de tais movimentos são reforçadas pela imprensa.

¹⁶ EDUCAÇÃO Ambiental e a Prática das Religiões de Matriz Africana – Caderno de Orientações. Secretaria Municipal de Cultura, 2006.

¹⁷ De doze ilustrações presentes no material, apenas duas aparecem personagens não-negros.

Esse caderno de orientações não pretende esgotar o assunto e nem impor regras. Visa, sim, orientar nossas casas, evitando aborrecimentos e divergências com autoridades, vizinhos e a comunidade. A colaboração dos nossos dirigentes é primordial para o sucesso da iniciativa. Colaborando, irmãos e irmãs contribuirão para a tranquilidade e o respeito a que fazemos jus.

Respeitar o meio ambiente é respeitar a si próprio e a comunidade como um todo.¹⁸

Tais “orientações” são acompanhadas, em diversos momentos da cartilha com trechos da lei municipal, dando assim legalidade para o exercício da dominação. Justifica-se a necessidade de uma boa convivência que os praticantes devem ter na e pela cidade, algo que até os Orixás e entidades já deveriam seguir.

Novamente, para reforçar a prática de disciplinarização, o Jornal Correio faz a divulgação da entrega da Cartilha, num evento que ocorre juntamente com a limpeza da Cachoeira do Sucupira, que ao longo do século XX era o principal espaço para a oferta e despachos das casas de santo. Além de limpar, os praticantes do culto ficaram proibidos de realizar qualquer tipo de trabalho naquela área.

Uma ação realizada em conjunto, que envolverá as secretarias municipais de Cultura, Obras, Saúde, Planejamento e Meio Ambiente, além do Departamento Municipal de Água e Esgoto (Dmae), será realizada neste sábado, dia 4, a partir das 8h, em Uberlândia. Trata-se da limpeza das Cachoeiras de Sucupira e dos Namorados, uma atividade que contará com o apoio da Polícia Militar, do Corpo de Bombeiros e das federações representativas das religiões afro-descendentes de Uberlândia: Federação Umbandista do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (Feutmap), Federação Espírita Umbanda e Candomblé de Minas Gerais (FeucMG) e Federação Umbanda e Candomblé do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (Fuctmap).

Além da atividade de limpeza das cachoeiras, comandada por representantes das religiões afro-descendentes da cidade, haverá, também neste sábado, o lançamento do caderno de orientação "A Educação Ambiental e a Prática das Religiões de Matriz Africana". De acordo com a secretária municipal de Cultura, Mônica Debs, o objetivo desta cartilha é informar, educar e sensibilizar a população sobre os procedimentos dos cultos afros, principalmente no que se refere à colocação de trabalhos religiosos no meio ambiente. "A ação de limpeza das cachoeiras não está sendo interpretada apenas como educação ambiental, mas também como educação patrimonial, já que o conjunto das Cachoeiras de Sucupira e dos Namorados é visto como um importante patrimônio cultural de Uberlândia", ressaltou a secretária.

O conteúdo da publicação dirige-se a toda a população, mas com ênfase especial aos terreiros, seus adeptos e educadores. Segundo a Secretaria de Cultura e a Coordenadoria Afro-Racial (Coafro), a iniciativa de distribuir a cartilha visa estimular a preservação da natureza uma das características fundamentais das religiões de matriz africana. "A ideia é também difundir a compreensão do significado dos procedimentos das religiões afro por parte dos adeptos de outras denominações religiosas. Tudo isto em busca de uma melhoria na

¹⁸ EDUCAÇÃO Ambiental e a Prática das Religiões de Matriz Africana – Caderno de Orientações. Secretaria Municipal de Cultura, 2006.

qualidade ambiental e, conseqüentemente, na qualidade de vida", comentou Jeremias Brasileiro, coordenador da Coafro.

Os símbolos das religiões de matriz africana estão fortemente ligados à natureza. É por meio dela que o culto se expressa. Água, fogo, ar, terra, vento, raio, trovão, mata, entre outros elementos, são fundamentais para a existência das próprias religiões, cujos rituais devem manter perfeita harmonia com o ambiente natural.

Além da limpeza das cachoeiras e da distribuição do caderno de orientação "A Educação Ambiental e a Prática das Religiões de Matriz Africana", o evento terá distribuição de mudas de pequeno e médio porte e ações educativas relacionadas à dengue e ao uso racional da água.¹⁹

Seria um exagero uma cartilha de orientações para os inúmeros frigoríferos da cidade, que abatem milhares de animais e despejam no ar, na terra e nas águas da cidade a imundície de seus restos?

Os "mal-educados" praticantes dos cultos aos orixás se inserem, para os grupos hegemônicos, como indivíduos distantes de um processo histórico, fragmentados no sentido de não serem também sujeitos que estão presentes em uma disputa, que estabelecem diversos espaços de luta e de resignação para se fazerem presentes na e pela cidade.

Há uma necessidade de estabelecer esses sujeitos enquanto integrantes de uma relação social e cultural. A luta pela legitimidade se passa dentro das relações de força entre grupos dominantes e populares, travada no campo de batalhas da cultura.

Toda essa movimentação se faz numa constante tensão. No dizer de Hall, há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual por parte da cultura dominante, cujo propósito é desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular, confinar suas definições e fórmulas dentro de uma gama mais completa de formas dominantes. Mas há também pontos de resistência, momentos de inibição. Esta é a dialética da luta na cultura e pela cultura, em que há sempre posições estratégicas que se conquistam e se perdem. (KHOURY, 2005. p. 119)

Trata-se de uma relação que, necessariamente, não se dá apenas com lutas diretas, entendidas da forma convencional. Assim como resistem ao não seguirem a cartilha e continuarem a "despachar" as oferendas em locais restringidos pelo Poder Público, os praticantes adotam em suas falas termos como "nosso prefeito", "nosso amigo vereador" ou mesmo "nossa cartilha de orientação". Tais práticas garantiram a sobrevivência para que os praticantes do culto aos orixás continuassem na cidade, mesmo que escondidos, esquecidos e renegados.

É necessário compreender enquanto um processo histórico as tensões de classe estabelecidas na cidade, visto que há grupos que buscam se fazer presentes no caminho que se põe, para a Prefeitura, como uma tradição estática e inerte. Tais sujeitos vivem, na consciência e prática social vivida, muito além da reza e do colorido. Os sujeitos, constituídos dentro dessa luta enquanto populares (HALL, 2005), buscam estabelecer uma identidade fora de estruturas pré-determinadas e estáticas, mas sim enquanto agentes capazes de agir, criar, sentir, vivenciar e produzir diferentes experiências.

¹⁹ Texto extraído de

http://www.correiodeuberlandia.com.br/texto/2006/02/02/15912/acao_conjunta_promove_limpeza_das_cachoeiras_de_sucupira_e_dos_namorados.html dia 05/02/2010. AÇÃO conjunta promove limpeza das cachoeiras de Sucupira e dos Namorados Atualizada: 21/05/2008 - 01h09min da ASCOM PMU

Ao acompanharmos o processo que constitui a disciplinarização (ou tentativa desta) por parte do Poder Público, nota-se como questões de Segurança Pública e Preservação Ambiental foram utilizadas como tentativas de reforçar a clivagem social existente entre as classes dominantes e populares. Como meios para garantir a sobrevivência dessa prática, os sujeitos reinventaram práticas, ora enfrentando diretamente as ordens, ora aceitando as regras do jogo social postas. Essas classes sociais não vivenciam a experiência constante da luta ou apenas uma pura resignação, mas sim conjugam em seus espaços de vivência diferentes formas de se relacionarem com o espaço em que estão imbricados (HALL, 2003).

Mesmo consciente dos preconceitos e renúncias que existem pela cidade da presença desses sujeitos enquanto integrantes dessa sociedade, há esforços que buscam tornar presente os praticantes do culto aos orixás.

Existe, mas eu vou em qualquer lugar de roupa de santo, paramentado, vou no shopping, vou na prefeitura, vou no Banco do Brasil e não existe preconceito pra mim, por que? Por que eu ignoro as pessoas que tentam é, me ... desprezar, me diminuir, por que eu sou uma pessoa que pago meus impostos, eu sou uma pessoa que tem uma convicção religiosa muito certa, então eu não me envergonho dos meus orixás.²⁰

Ao observar a trajetória das classes trabalhadoras que cultuam os orixás em Uberlândia, nota-se dois esforços contínuos. Enquanto o poder público tenciona para ocultar, renegar ou mesmo enquadrar enquanto um “*folclore*” todo o universo de práticas daqueles que cultuam os orixás, há outra força que busca se fazer presente na cidade de diferentes formas e caminhos, de luta e resignação. A partir da experiência dessa luta, que passa pelos valores culturais, sociais e econômicos, essa classe consegue se inserir na dinâmica social de forma ativa.

Ao voltar a situação inicialmente apresentada, o silêncio no dia da posse do prefeito quanto àqueles que cultuam os orixás, e ao atribuir todo o processo histórico que constitui a presença desses mesmos sujeitos na cidade, nota-se como essa ausência é sentida em outros cantos da cidade. Para o poder público, a tarefa maior é negar a prática desses sujeitos enquanto parte da identidade do município. Para os agentes dessa religiosidade, a luta é para se fazerem presentes nesta prática cultural, tão viva e tão plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo. R.; KHOURY, Yara A. **História Oral e Memória**: Entrevista com Alessandro Portelli in História e Perspectivas. Uberlândia: Edufu, v. 25/26, 2001/2002, p. 27-54.

CRUZ, Heloisa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário; KHOURY, Yara Aun in MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto; KHOURY, Yara Aun (Org.). **Outras Histórias**: Memórias e linguagens. Introdução. São Paulo: Olho d'água, 2006.

FENELON, Déa Ribeiro. **O historiador e a cultura popular**: história de classe ou história do povo? In: História Perspectiva. n.6, Uberlândia, Gráfica da UFU, jan./jun. 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

²⁰ Entrevista realizada com Pai Sérgio, em fevereiro de 2010.

HALL, Stuart. Notas Sobre a Desconstrução do “Popular” In.: **Da Diáspora** – Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KHOURY, Y. A. **Narrativas Orais na Investigação da História Social**. In. Núcleo de Estudo Cultura, Trabalho e Cidade. História e Oralidade - Projeto História 22. São Paulo, EDUC, 2001. p. 79 – 103.

MACIEL, Laura A.; ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara A. **Outras Histórias: Memórias e Linguagens**. São Paulo: Olho D’Água, 2006.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria: ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. Título original: The poverty of Theory.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum** – Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social In.: **As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.